

# Com Sarney, Arena vai buscar maior autonomia

ESTADO DE SÃO PAULO

28 JAN 1979

**EVANDRO PARANAGÁ**  
Da sucursal de BRASÍLIA

Com a eleição e investidura do senador maranhense José Sarney na Presidência Nacional da Arena, no fim da semana, começará uma nova fase na história do "maior partido do Ocidente".

Essa etapa será decisiva para se ficar sabendo se o partido da Revolução continuará submisso ao sistema e ao Palácio do Planalto, prosseguindo em seu progressivo esvaziamento, ou se ganhará substância para ter condições de cumprir seu programa — considerado, em linhas gerais, liberal-democrata. A Arena terá então, de transformar-se em instrumento efetivo de ação política do governo Figueiredo, abdicando de seu papel de incondicional executor das determinações do Executivo na área legislativa.

Para Sarney — que já está eleito e está automaticamente empossado na próxima terça-feira —, enganam-se aqueles que o veem como "o síndico de uma massa falida". Ele tem feito saber a quantos o procuram que o partido vive um momento histórico, e os fatos políticos deste ano de 1979 poderão dar razão ao presidente Ernesto Geisel quando este decidiu manter o bipartidarismo, por entender que aquele sistema ainda não havia esgotado sua missão e possuía potencialidades não exploradas. O senador pelo Maranhão julga que o clima político proporcionado pela democratização do País é extremamente favorável ao fortalecimento dos partidos políticos e adverte que este fortalecimento haverá de resultar de uma ação séria e contínua, nunca de atitudes emocionais ou inconseqüentes.

Essa visão otimista é compartilhada pelo futuro líder da Arena no Senado, Jarbas Passarinho, um dos principais responsáveis pelo programa partidário e também pelo secretário-geral arenista seu fu-

turo líder na Câmara, deputado Nelson Marchezan.

Também se incluem entre os otimistas o coordenador político de Figueiredo e futuro ministro da Justiça, Petrólio Portella, o futuro presidente do Senado, Luiz Vianna Filho, e, num plano mais discreto no que tange ao entusiasmo, os postulantes à presidência da Câmara, deputados Herbert Levy, de São Paulo, e Flávio Marcello, do Ceará. O otimismo geralmente atinge de maneira mais intensa aqueles que detêm responsabilidades de comando partidário. Há, porém, muitos parlamentares da Arena frustrados ou mesmo descontentes com a evolução dos acontecimentos, a exemplo do que acontece com o senador Luiz Cavalcanti, o deputado Jorge Vargas, vice-líder na Câmara, ou os senadores Magalhães Pinto, Accioly Filho e Teotônio Vilela, todos eles desejando sair da Arena para poder atuar politicamente com maior eficácia e coerência com seus princípios.

A maneira como o futuro governo e seu comando político procederão depois de 15 de março será fundamental para que a Arena, principalmente os parlamentares de primeiro mandato, consigam recuperar-se da frustração de um Ministério quase sem políticos e de um segundo escalão inteiramente dominado pela tecnoburocracia. Na prática, ficará cada vez mais difícil o acesso dos políticos à área administrativa.

Outro ponto que leva alguns arenistas ao pessimismo, quanto ao futuro do partido, decorre das dificuldades eleitorais a serem enfrentadas após um período de um ou dois anos de rígido combate à inflação, com novas perdas do valor real dos salários. Finalmente, não se pode menosprezar as repercussões de todos estes fatores na estrutura da Arena.

Como, no caso de um partido majoritário, não se faz política sem o exercício do

poder, a última esperança de muitos arenistas — que não acreditam no fortalecimento do partido a curto prazo — reside no retorno às eleições diretas para os governos estaduais, com candidatos escolhidos livremente em convenções partidárias. Isto evitaria a formação de um secretariado de um grupo partidário, como é o caso do chamado "neysmo" no Paraná, em detrimento de qualquer espécie de acordo ou composição. No caso das eleições diretas, o acordo entre os grupos partidários costuma ser indispensável à vitória eleitoral, e isto implica o rateio posterior dos cargos, de maneira a contentar as diferentes alas na proporcção da força eleitoral de cada uma delas. Por estas razões, a Arena, sob a Presidência do senador José Sarney, dependerá, para seu fortalecimento, tanto do prestígio que lhe for atribuído pelo general Figueiredo e seus ministros como da criação de condições políticas e eleitorais para se afirmar pelo valor de seus quadros, e não mais pelo artifício de uma legislação montada sob medida para favorecê-la, como foi o caso do "pacote de abril".

Ao assumir a presidência da Arena, dentro de mais alguns dias, o otimismo de Sarney dificilmente encontrará contrapartida na realidade e nem mesmo o partido terá condições de abrir caminho de maneira autônoma para criar as condições que o credenciem perante o eleitorado. Seu destino continuará, pelo menos por ora, ligado ao governo, e pelo governo o partido continuará tutelado. A maior evidência dessa subordinação reside no próprio processo que determinou a escolha de Sarney independentemente de suas indiscutíveis qualificações para o cargo, o senador maranhense chegará a ele por outra forma que não aquela consagrada por todos os grandes partidos do ocidente, ou seja, a livre escolha numa convenção partidária.